

Polícia Civil volta à ativa

TONINHO TAVARES

Oito dias depois de entrar em greve, agentes suspendem o movimento

GUILHERME QUEIROZ

Após oito dias de paralisação, os 6,4 mil policiais civis do Distrito Federal voltaram ao trabalho. Em assembléia no Parque da Cidade, ontem, os agentes decidiram suspender a greve até o dia 6 de fevereiro. A data foi estabelecida como prazo limite para que o governo federal assinasse a medida provisória (MP) com a elevação da gratificação intermediária de 170% para 200%, única reivindicação não atendida.

A decisão veio bem ao gosto do Sindicato dos Policiais Civis do DF (Sinpol). Desde a semana passada o presidente do sindicato, Wellington Luiz Souza, tem defendido a suspensão da greve. Segundo ele, técnicos do Ministério do Planejamento teriam garantido o encaminhamento da MP ao Planalto, em reunião na segunda-feira à noite.

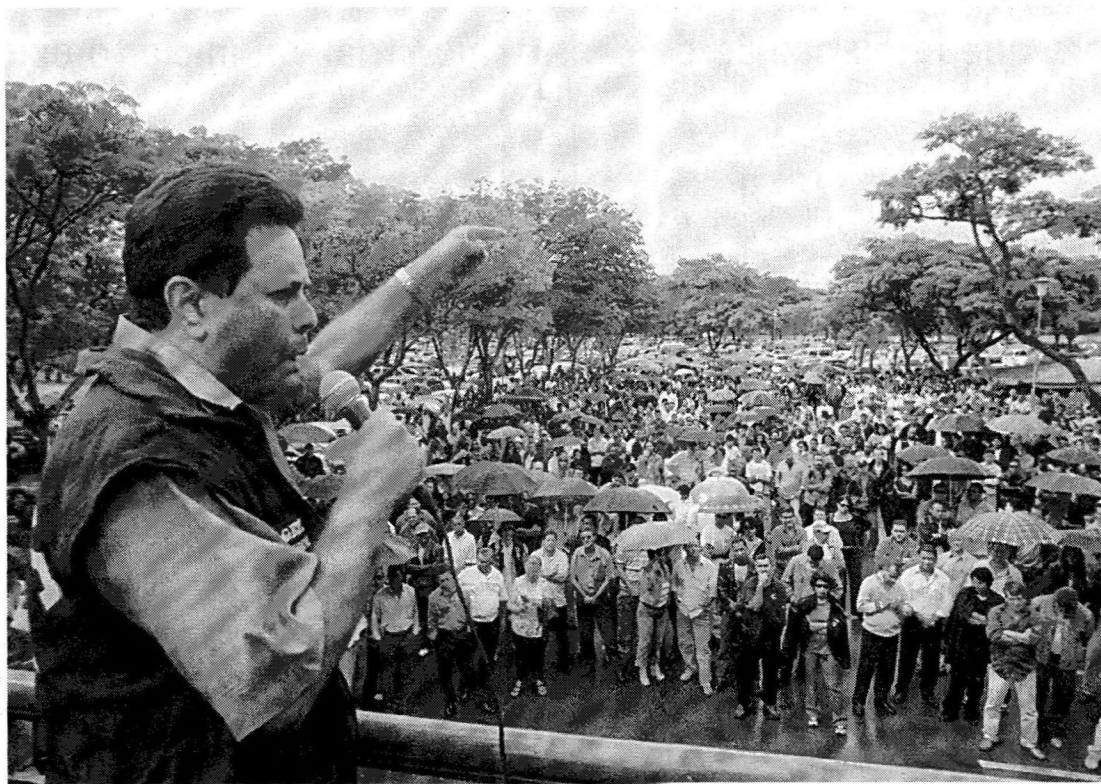
Foi o suficiente para dar um "voto de confiança" ao governo federal, conforme definiu Wellington Luiz. Ele aler-

tou, porém, que irão reiniciar a greve caso a MP não seja assinada no prazo. "Se não assinar, o governo vai sentir o disabor de nova greve, essa ainda mais rigorosa", promete.

Tal como aconteceu na assembléia de sexta-feira, a votação foi apertada. Quase metade dos 700 policiais presentes votou pela manutenção da greve até a edição da MP que vai elevar o salário inicial da categoria em 11% – de R\$ 3.748,99 para R\$ 4.173,03 – equiparando o salário da categoria aos rendimentos dos policiais federais.

VAIAS – Alguns insatisfeitos com a suspensão da greve chegaram a vaiar a decisão. No carro de som, uma agente penitenciária disse que Wellington Luiz defendia a suspensão da greve para poder gozar férias. "É uma leviandade, não dê ouvidos", retrucou o presidente do Sinpol.

O grupo dos insatisfeitos considera que o pagamento das férias de janeiro e de oito parcelas de anuênio, deposi-



Os policiais voltam ao trabalho até 6 de fevereiro, prazo para a última reivindicação ser atendida

tados na semana passada, não seriam o suficiente para suspender a paralisação. Eles defendem a greve como meio de pressionar o governo federal a assinar a MP, já que o GDF confirmou que há verba no Fundo Constitucional para pagar o reajuste.

O deputado distrital Fábio Barcellos (PFL), que é policial

civil licenciado, defendeu a suspensão da greve até 2 de fevereiro. E cobrou do GDF uma postura mais ativa junto ao governo federal pela concessão do aumento. "O GDF tem que mostrar mais interesse pela segurança como chefe da máquina administrativa."

A volta das visitas ao Complexo Penitenciário da

Papuda, suspensas desde o início do movimento, foi motivo de preocupação na assembléia. Segundo Wellington, seriam necessários mais 1,4 mil agentes penitenciários para garantir a segurança dos visitantes. Hoje, o DF tem 678 agentes. "Se algo acontecer, a responsabilidade é da Secretaria de Segurança Pública."

PM

Policiais militares entram em greve

A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros estão em estado de greve desde a 0h de hoje. Uma assembléia na manhã de ontem, em frente ao Palácio do Buriti, decidiu pela paralisação que vai até o próximo dia 30, quando será realizada uma nova assembléia. Depois da assembléia, os militares seguiram em carreta em direção ao Congresso Nacional.

As principais reivindicações dos PMs são o aumento do piso salarial de R\$ 1,4 mil para R\$ 3,4 mil e a implantação de um plano de carreira com cinco níveis. De acordo com o presidente da Associação dos Policiais Militares e Bombeiros do DF (Aspol), o ex-cabo Sidney Patrício, os militares estão sem reajuste desde setembro de 2000.

REPRESSÃO – Por medo de repressão, alguns manifestantes usavam camiseta na cabeça para não serem identificados. "Vinte e seis PMs estão no Conselho Permanente de Disciplina por participar de uma assembléia em 6 de janeiro", diz o ex-cabo, justificando a atitude.

A manifestação descambou para o vandalismo, com rojões e bombas soltos na área de segurança onde ficam, entre outros, o Palácio do Buriti e o Tribunal de Justiça. Por volta das 11h, os manifestantes ocuparam o Eixo Monumental no sentido Rodoviária-Rodoferroviária, impedindo o trânsito próximo o acesso ao autódromo. A interdição durou dez minutos. Logo depois, eles seguiram em direção ao Congresso Nacional.

Durante a assembléia, a categoria decidiu por não aceitar a proposta do governo do Distrito Federal, que é de um reajuste salarial de 13,8%. O próximo passo dos militares é deixar de atender às ocorrências de rua sem urgência – como acidentes de trânsito sem vítimas graves e pequenos roubos.

O prazo para ter as reivindicações atendidas e a liberação dos policiais do Conselho Permanente de Disciplina, segundo o ex-cabo, é até o dia 30 deste mês. Se isso não ocorrer, a categoria ameaça paralisar os serviços prestados à comunidade.



Aproximadamente 400 PMs participaram da manifestação em frente ao Palácio do Buriti

RICARDO MARQUES

Movimento está dividido

Apenas 400 militares – dos 16 mil da corporação – participaram do ato. A decisão de entrar em greve aprovada pela assembléia é contestada por parte da categoria, por ser conduzida pelo ex-cabo Sidney Patrício, presidente da Associação dos PMs e Bombeiros do DF (Aspol).

Aires Costa, presidente do Sindicato da Força Policial, que não participou do movimento, diz que a Aspol não é

representativa. Isso explicaria, segundo Costa, o porquê de boa parte dos militares não participar da assembléia. Por conta disso, muitos podem sofrer represálias disciplinares.

Sidney Patrício foi expulso da PM em 1993 por indisciplina. Segundo o setor de Recursos Humanos da Câmara dos Deputados, ele é assistente técnico adjunto "C", no gabinete do presidente da Casa, deputado federal João Paulo

Cunha (PT-SP). Pelo trabalho, recebe um CNE-13 (Cargo de Natureza Especial), de R\$ 2,4 mil. Sua nomeação foi feita na cota de cargos do PT-DF.

O presidente do PT-DF, Wilmar Lacerda, vai mediar a negociação entre PMs e os governos. E anunciou uma reunião, dia 28, entre o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, e o governador Joaquim Roriz, quando os pedidos dos militares serão discutidos.